



A SR.^a D. MARIA JULIA DA FONSECA, violoncelista distinta que fez o seu curso em Bruxelas tendo por professor o celebre violoncelista Jacobos

Lisboa, 1 de Maio de 1916

II série — N.º 532

Assinatura para Portugal,
colónias portuguesas
e Hespanha: **Trimestre 1\$20** ctv.
Semestre 2\$40 „
Ano 4\$80 „
Numero avulso, **10 centavos**

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

**REMINGTON
UMC**

**Cartuchos Calibre
22 Para Tiro Ao Alvo
E Caça Meuda**

Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Sr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano. Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.



REMINGTON ARMS-UNION
METALLIC CARTRIDGE COMPANY
239 Broadway, Nova-York, N. Y.,
E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus

Agente em Portug: I. G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLossal SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

Gizella
O MELHOR SABONETE

molestias dos Paizes quentes.
FERRO QUEVENNE
CURA:
ANEMIA
FEBRES, DEBILIDADE
Activo, agradável,
economico, inalteravel.
Sizile e Sello da "Union des Fabricants"

Ler na quinta-feira proxima o

SEculo COMICO

Preço: 1 centavo

**COMPANHIA DO PAPEL
DO PRADO** Sociedade anonima
de respons. limit.

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	266.100\$000
Reis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas de Prado, Marimãa e Sobrelinho (Tamar), Pezelo e Casal de Herminio (Louza), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma producao annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espedias de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lis-
boa, 005—Porto, 117

**DORES DE COSTAS
PILULAS FOSTER PARA OS RINS**

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doencas e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Rio de Janeiro

A Empresa d'O SEculo faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & Irmão, Rua da Assemblêa, 62**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do

Seculo
Ilustração Portuguesa
Suplemento de Modas & Bordados
e Seculo Comico

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Ilustração Portuguesa

CRONICA

N.º 532

1-5-1916

Maio

Maio surge, coroado de rosas como Anacreonte, rebolando pela relva, ao sol, a polpa nua do seu corpo de deus moço. Estamos em plena primavera. Como nos idílios de Théocrito, o beijo da

terra fecunda rebenta em pequeninos labios de flores. Na atmosfera fresca e luminosa da manhã, onde parecem scintilar, crepitar faúlhas d'ouro, adivinha-se o estremecimento voluptuoso dos seios brancos de Deméter. Uma forte alegria pagã envolve a Natureza. O Amor murmura, geme, ciciza, soluça sobre um leito

de rosas desfolhadas. Dionisides nuas brincam, enlaçam-se pelos bosques azues, agitando thyrsos floridos. Os passaros cantam. E enquanto, pela janela aberta, na vaga sonolência do meio dia, entra em lufadas quentes o perfume acre da terra em flôr,—eu sinto as tuas pequeninas mãos, minha amiga, como duas rosas cõr de rosa, cerrando-me amorosamente os olhos fatigados da luz.

As alemãs

A lei cumpriu-se. Deixaram Portugal as mestras alemãs. «Frau» X, «fräulein» Z, todas as alemãsinhas de cabelos loiros e olhos de faiança, ao mesmo tempo espirituaes e macissas, cerveja e Wagner, idealismo e botas de duas solas, que exerciam no nosso paiz, como diria Marcel Prévost, a profissão de «anges gardiens», deram o ultimo beijo nos seus «bébés» portuguezes e abalaram a caminho da Hespanha. Grandes educadoras? Não ha duvida. Admiraveis. A disciplina, a gravidade, o espirito de ordem da alemã loira, pontual, metódica, fecunda, eram elementos recomendáveis de educação n'um paiz como o nosso,—fundamentalmente avêso a todas as noções de disciplina, de gravidade, de ordem e de metodo. Simplesmente, «frau» X e «fräulein» Z, possuíam tão excelentes qualidades, entre as quaes a de se corresponderem pontualmente com as agencias de informa-



ção alemãs sobre assuntos não rigorosamente pedagogicos, que o governo portuguez julgou oportuno fazer cessar a sua missão educadora,—e declaral-as em férias.

Negocios de saias

As modas de primavera de 1916 trouxeram-nos esta noticia sensacional: caminhamos para a saia de balão. Na primavera de 1914 ainda o costureiro Poiret, o célebre Poiret das «turqueries» e da «jupe-cubiste», o incomparavel Poiret do «the right dress in the right place», desenhava vestidos que cabiam n'um regalo e se executavam com 75 centímetros de seda.

Pouco a pouco, as saias fôram-se alargando, tufando, espanejando em leque, abrindo em sino grande de catedral, veiu a ameaça das «anquinhas» hespanholas do seculo XVII, dos «panniers» francezes do seculo XVIII, e hoje, no ano II da Grande Guerra, não



ha duvida de que se caminha deliberadamente para a «crinoline», para o arame, para o balão Imperatriz Eugénia, para a monstruosidade, para a deformação, para a caricatura,—para Gavarni. Mas a mulher será realmente tão feia, que seja preciso voltar a esconder-lhe as fórmias dentro d'uma saia de balão?

Liricas e Sátiras

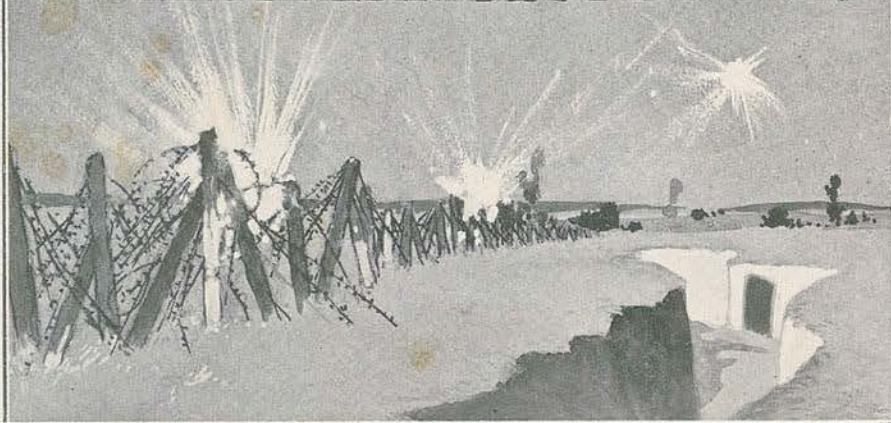
Tenho aberto diante de mim, na minha mesa de trabalho, o ultimo livro de João Saraiva. O admiravel poeta das «Serenatas» e da «Mocidade», poderia dizer, como Nietzsche:—«Je hais tous les paresseux qui lisent». De dez em dez anos, pontualmente, produz apenas uma duzia de poesias, curtas, sóbrias, sinteticas, lapidares, onde não se sabe que mais admirar, se a sobriedade grega da expressão, se a vigorosa riqueza dos conceitos. Ao folhear as suas «Liricas e Sátiras», agora publicadas, recordei que ha um prazer intelectual ainda maior do que ler os versos de João Saraiva: é ouvir-lh'os. Como ele os diz, como ele os fala, como ele os conversa, como ele os torna, se é possível, na sua dicção modelar de intenção e de graça, ainda mais persuasivos, mais eloquentes, mais rythmicos, mais nobres!



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

COMO SE DEFENDE A PATRIA



O combate suspendera-se com o cerrar da noite. Negrumes ameaçadores de tempestade velavam espessamente o céu. Emudecera o canhão que toda a tarde trovejára ferozmente, semeando a morte, o incendio e a ruína; mas a atmosfera ainda parecia mal reequilibrada de tão violentos abalos e os brazeiros, a que ficaram reduzidas casas e arvores, punham nas nuvens grossas laivos sinistros da côr do sangue que ensopava a terra.

N'uma extensa área ficára tudo azo com o chão, como se o varresse a baforada ignea do deserto. Armas inteiras e despedaçadas, munições intactas e servidas, destroços de viaturas, farrapos de uniformes, corpos de homens e de solípedes, uns já resgatados pela morte a dôres atrociíssimas, outros debatendo-se no meio d'elas horrivelmente, — tudo isso se alastrava n'uma confusão pandemonica por cima de um solo, outr'ora abençoadamente fecundado pela suor do homem, e hoje amaldiçoadamente subvertido pelo seu pro-

ma'ar ou, pelo menos, de endoidecer!

A's 10 horas da noite começaram a bruxolear pelo campo muitas luzinhas, cruzando-se macabramente em todos os sentidos, e a ouvir-se os latidos de cães que tinham na voz o que quer que fôsse das inflexões sentidas e expressivas da voz humana. Aos gritos e gemidos dos feridos ouviam se agora responder palavras de animo e de conforto. Era a Cruz Vermelha que vinha, no exercicio do seu humanitario sacerdocio, suavisar dôres e salvar vidas que, sem a sua admiravel dedicaçao, estariam irremediavelmente perdidas.

Todos esses desgraçados, sem distincão de nacionalidades, eram levantados com carinhosa cautela e transportados para as ambulancias. Alguns que tinham caído mais pelo atordoamento e pela fraqueza, porque os ferimentos não eram graves, não podendo desenvenilhar-se dos cadaveres que lhes haviam caído em cima a mistura com espingardas e varios petrechos, caminhavam depois com o simples amparo dos seus salvadores.

N'esse numero contava se Heitor Orvieto, de Florença. Ele e seu irmão Virgilio, mais velho uns tres anos, haviam partido



prio braço, armado de odios e de ambições.

Por vezes divisavam-se umas sombras humanas que se erguiam e deslocavam cambaleantes para recaírem d'ali a nada redonda-

da Italia, logo no principio da guerra, a alistar-se na galharda legião estrangeira que, ao

lado dos francezes, inglezes e belgas, se batiam por uma causa que deixara de ser d'este ou d'aquela povo para ser de todos os que viviam sob os principios de liberdade e de direito, tão brutalmente atacados. O primeiro cuidado de Heitor foi procurar o irmão nos postos de socorro, aonde vinham chegando os feridos recolhidos no campo. Não o encontrava, porém. Vira-o cair quasi a seu lado, varado por uma bala alemã, e ouvira-lhe um pungente grito, menos repellido de dor do que do desespero de não poder continuar a combater.

Ali mesmo o vingou, avançando para o «boche» e embecendo-lhe a baioneta no flanco. Depois, quando ia a debruchar-se inquite sobre Virgilio, para lhe receber talvez o ultimo alento, as filas da rétaguarda avançavam cerradas e impetuosas para suprir as que rareavam sob um fogo intensissimo e levaram-no adiante, afastando-o do irmão, até que baqueou tambem com um ferimento n'um braço e ao mesmo tempo atordado pelo estilhaço já frio de uma bomba que ainda lhe amolgoou o capacete. Mas notára bem o sitio onde caíra o irmão. Foi mesmo ao pé de um velho cedro, isolado e hirto no meio do campo, como uma sentinela. Uma granada decepara-lhe a côma. Sabia muito bem lá ir.

Depois de assistir á chegada de muitos feridos e perdidas as esperanças de que Virgilio viesse entre eles, resolveu-se a ir procura-lo. O ceu começava já a alvorejar; os nebrumes ameaçadores tinham-se dissipado e o orvalho refrescava a aridez d'aquela horroroso quadro, como as lagrimas serenas e compadecidas da filha de Hiprion adoçavam as vigílias torturadas das grandes dôres.

Heitor chegou enfim ao local onde ficára o irmão. Encontrou-o com a cabeça deitada sobre um cadaver e os olhos naturalmente cerrados de quem repousa. As faces, afagadas pela primeira claridade da manhã, mostravam-se lividas, mas não cadavericas. Animou-o uma esperança. Chegou o seu rosto ao d'ele e sentiu que respirava. E o peito desoprimiu-se ao pobre rapaz n'um suspiro profundo. Tocou-lhe levemente no hombro, fez menção de o sacudir, chamando-lhe pelo nome com a ternura infavel de quem acorda uma creança. O ferido abriu uns grandes olhos e fitou-os no irmão, como se não o reconhecesse... Depois sorriu com tristeza.

—Virgilio, Virgilio!... Vamo-nos d'aqui, meu irmão. E' preciso que te salves!

E Heitor pegou-lhe com mil precauções na cabeça, tirou-a de cima do cadaver e depô-la sobre um capote, ageitado em almofada com umas poucas de dobras.

—Impossivel! — murmurou ele com voz sumida. —Tenho o corpo crivado de balas e as pernas esfaçadas por uma granada... Deixa-me morrer aqui... poupa-me a novos tormentos...

Efetivamente, as pernas conservavam-se-lhe absolutamente inertes n'uma posição de abandono. As calças e as polainas esburacadas em muitos pontos apresentavam enormes pastas de sangue denegrido. Com os movimentos que fizera avivaram-se dois fios de sangue rubro que lhe deslisavam do peito pela farda.

—Não, não te deixo morrer! Vaes ser transportado com o maior cuidado. Verás que se não agravam as tuas dôres. A nossa ambulancia está ali, muito perto. Não tarda a vir uma maca.

Virgilio tornou a cair n'uma prostração de aparcencia letal. Cerrou os olhos e as feições contraíram se, como unica resposta, na expressão desanimada de quem conhecia o seu estado. Heitor tomou-lhe entre as suas a mão desfalecida e estremeceu ao seu contacto gelido. Seu irmão não se enganara; estava irremediavelmente perdido.

—Desgraçada hora em que deixámos a nossa ca-

sa!—lastimou-se ele baixinho. E para nos batermos na terra alheia!...

Mas Virgilio ouviu-o. O corpo agitou-se-lhe n'uma convulsão rapida, descerrou os olhos animados de inesperado fulgor e retirou a mão já um tanto arroxada d'entre as do irmão, que nem tentou sequer segural-a.

—Cala te, Heitor, cala-te! Não te ouçam esses valentes que aí jazem... e combateram sempre com fê até morrer.

E, após uma breve pausa, em que um resto de energia lhe refluiu á voz, continuou:

—Feliz, e bem feliz, é que tu deves dizer, a hora em que nos viemos aqui bater. Esta terra só pode ser alheia para os que não vêem os sacrificios heroicos que sobre ela se fazem pela sua e pela liberdade dos outros...

...Quando chegar a vez do inimigo, na sua furia selvagem, investir contra o nosso paiz, os seus impetos estarão mais quebrados... as suas hordas mais enraquecidas... Gloria áqueles, contra cujo peito se aniquilaram os primeiros embates!... Talvez os barbaros nunca cheguem a talar os nossos campos e a assassinar os nossos velhos paes, sendo exterminados antes de lá chegarem. Pagamos adiantado á patria o tributo do nosso sangue... na ocasião talvez em que ele mais lhe pode aproveitar... E' consolador... é grande... pois não é, Heitor? Morro sobre a nobre terra de França, bendizendo-a como morreria...

—Sobre a nossa querida e santa terra de Italia, concluiu Heitor, que parecia repetir intimamente,

palavra por palavra, o que o irmão ia dizendo, entrecortado de gritos, que lhe arrancavam as suas dôres intensissimas, e das suspensões a que o obrigava o seu estado de extrema fraqueza.

Não podia mais o pobre rapaz. A vida fôra-se-lhe naquele ultimo e sobre-humano esforço. Só tornou



a abrir os olhos, já vidrados pela morte, quando a voz horrendamente magestosa do canhão, seguida de uma fusilaria peada, veio anunciar que o combate recomeçara além.

Ainda tentou erguer o braço. Heitor compreendeu-lhe o gesto e auxiliou-o, conservando por uns instantes esse braço tão cheio de nobreza na direção em que se via o fumo.

—Vae!... foi a ultima palavra do moribundo ao fechar os olhos para sempre.

Heitor colocou-lhe sobre o peito o braço que sustentava nas suas mãos. Beijou-lhe repetidas vezes a testa, no meio de um choro convulsivo, e, esquecido do seu ferimento, partiu de novo a bater-se como um leão.

O sol, já fôra, aspergia suavemente com a sua poalha d'ouro, semelhante a uma aureola de gloria e o martirio, o cadaver de Virgilio e os dos bravos que com ele jaziam sobre o campo.

Poema de Amor

O *Republica* consagra amanhã a Schwalbach a sua recita de autor do *Poema de Amor*. Promete atingir o delírio essa homenagem ao escritor português hoje mais querido das nossas platéias, porque conhece tão bem os segredos do coração humano para o fazer vibrar, como os do teatro para nos dar uma ilusão perfeita da realidade. Eduardo Schwalbach, com um poder admirável de observação e de técnica, transplanta fielmente para o palco a sociedade portuguesa sob os seus contrastes mais flagrantes de grandeza e de miséria, de seriedade e de ridículo, aproveitando de tudo os melhores motivos para fazer rir, para comover e para educar. Está n'isto a suprema razão dos seus triunfos.

A *Ilustração Portuguesa* também lhe presta a sua homenagem, transcrevendo um pequeno trecho d'essa obra prima.

TRECHO DA CENA XVII DO 1.º ATO

Mateus.—Pronto. Imaginem que é o atelier de um escultor.

(As outras personagens sentam-se onde Mateus lhes indica para assistirem á representação).

Camilo.—E agora silencio. (Bate tres palmadas). «Poema de amor»,—ultima cena do 2.º ato.

(Começa-se a representar).

Mateus.—Queres então seguir-me, acompanhar-me na minha vida de artista?

Gabriela.—Se quero?! O Rogerio levantou-me do nada, apanhou-me do chão:—pertenceo-lhe. Que mais posso eu querer? O seu quasi constante modelo!

Mateus.—E' então o que te arrasta atraz de mim? Tens a volupia da exteriorisação das tuas formas?

Gabriela.—Não. Tenho a ancia da sagração da minha carne pelas suas mãos.

Mateus.—E hei de eu acreditar que, estando já perto do dechive da vida e sendo tu uma creança, sentes amor por mim? Embusteira!

Gabriela.—Que mal me fez, Rogerio! Doe-me tanto! Porque proferiu essa palavra? Como é que o seu pensamento, concebeu essa maldade e a sua boca lh'a deixou sair?

Leocadia (a meia voz).—Esplendido!

Camilo.—Schiu!

Mateus.—Tu então?...

Gabriela.—Eu nunca tive afetos. Não os conheço.

Não me pertencia, porque era de quem vinha; não pertencia a ninguém, porque era logradouro de todos. Rogerio falou-me com uma voz amiga e eu confessei-me; ouviu-me sem me chasquear, sorriu-me com bondade e perguntou-me simplesmente:—«Queres vir comigo?»

Mateus.—«Para quê?» balbucias-te tu.

Gabriela.—E o Rogerio respondeu-me:—«Para viveres!»

Mateus.—Beijaste-me as mãos; e com a tua boca, com os teus olhos, com a tua cara, com toda a tua alma disseste-me...

Gabriela.—«Sim!»

Mateus.—«Sim!»

Gabriela.—Vi-o então meu pae. Depois, como se tivesse vivido comigo desde eu creança, combinou a minha nova vida. Projetos, sonhos... E passei a vê-lo meu irmão.

Mateus.—Sim, sim; isso. Teu pae, teu irmão...

Gabriela.—Mas vi-o trabalhar, crear obras pelas, grandiosas. Aos seus golpes a pedra cantava ou gemia, conforme era da vontade do Rogerio; o blóco ia tomando formas e as formas iam ganhando vigor. Vi-o tão poderoso e artista, que passei a resumir em si o mundo inteiro e a sentir um poder sobrenatural que me atirava para os seus braços e me prendia n'elles, que enlaçava o seu corpo no meu, que meia o seu coração de itro do meu coração, que juntava as nossas mãos, que unia as nossas bocas, que fazia das nossas almas uma só a'ma! E vi-o meu amante. Porque eu amo-o! eu amo-o! eu amo-o! (Cae-lhe aos pés).



Mateus (levantando-a pouco a pouco).—Mas tu és uma creança e... Que eu não posso mais occultar-te que também te amo, que, ao apanhar-te, como disseste, logo sonhei fazer de ti uma nova creatura, inteira obra minha! Porque não posso mais guardar dentro de mim que também me senti primeiro teu pae, depois teu irmão e depois... Mas isto é uma loucura! Tenho que vencer-me a mim proprio e tu tens que desembaraçar-te da ilusão em que te meteste.

Gabriela.—Rogerio, Rogerio, aceita-me na tua alma!

Mateus.—D'aquí a pouco entro na velhice...

Gabriela.—E' ao luar que sabem melhor os beijos, é ao luar que a natureza mais se poetisa e ganha ternura.

Mateus.—Dizes isso agora, mas depois... a pele encarquilhada, a cabeça sem cabelos, a boca sem dentes, as pernas tropegas, os braços desfalecidos, a vérte nos lábios a séde de amor e sem uma gota de agua para mitigar-t'a!

Gabriela.—Voltarei pouco a pouco para traz. Tornarás a ser meu irmão, meu pae.

Mateus.—Horroroso! E em ti a mulher adquirirá vigor, o sangue ferver-te-ha nas veias, o coração ha de chorar, a carne ha de exigir.

Gabriela.—Rogerio, eu não sei dizer bem o que vou dizer-te, mas vê se me comprehendes. Por mim penso isto:—só ha verdade e constanciaoamor, quando ele constitue a razão da vida. Tu és hoje a razão da minha vida.

Mateus.—Deixa-me apertar-te para te sentir bem. E' isso! E quando acaba a razão da vida, morre-se. Tu és hoje também a razão da minha, e quando vir que deixei de ser a razão da tua...

Gabriela.—Morreremos n'um ultimo beijo. (Fitando-o enleada) Amor meu, razão da minha vida!

Mateus (repetindo, em extasis).—Amor meu, razão da minha vida!

E. SCHWALBACH LUCCHI.

ESCOLA DA ARTE DE REPRESENTAR

A recita em honra de Schwalbach



D. Ema Videira



D. Maria Amelia de Carvalho



D. Irene Neves

A Escola da Arte de Representar, que hoje, pelo seu recente desenvolvimento, pode considerar-se a par dos melhores Conservatorios Dramaticos do estrangeiro, realisou no passado domingo, 23, no Teatro Nacional, um

de vista criticos e pela nobre elevação do pensamento, — trabalho que ficará como o mais completo e flagrante juizo que se tem pronunciado sobre a obra admiravel de Schwalbach. Na representação da «Feira do Diabo», dos «Quatro Cantinhos» e do «Pierrot Anarquista», distinguiram-se os seguintes artistas-alunos da Escola, cujos retratos publicamos, em lindas cabeças desenhadas a lapis, do natural, pelo notavel aguarelista Alberto de Sousa: D. Ema Videira, no papel de «Mefistofeles»; D. Irene Neves, no papel de «Clara»; D. Maria Amelia de

espectaculo consagrado á obra de Eduardo Schwalbach, antigo inspector do Conservatorio e um dos primeiros dramaturgos portuguezes contemporaneos. Esse spectaculo, que o maior exito coroou, foi uma festa de verdadeira e pura arte, digna da instituição

de vista criticos e pela nobre elevação do pensamento, — trabalho que ficará como o mais completo e flagrante juizo que se tem pronunciado sobre a obra admiravel de Schwalbach. Na representação da «Feira do Diabo», dos «Quatro Cantinhos» e do «Pierrot Anarquista», distinguiram-se os seguintes artistas-alunos da Escola, cujos retratos publicamos, em lindas cabeças desenhadas a lapis, do natural, pelo notavel aguarelista Alberto de Sousa: D. Ema Videira, no papel de «Mefistofeles»; D. Irene Neves, no papel de «Clara»; D. Maria Amelia de



Eduardo Schwalbach Lucci



que a promoveu e do homem illustre a quem foi consagrada. Abriu por uma brilhantissima conferencia do sr. dr. Augusto de Castro, professor da Escola e commissario do governo junto do

Carvalho, na «Silvia», da pantomima; Vital dos Santos, no «Robert» e no «Confessor»; Armando Batista, no «Pierrot»; Seixas Pereira, nos «Quatro Cantinhos». Encantadora a musica do professor Herminio do



Professor sr. Antonio Pinheiro.



Teatro Nacional, que produziu um trabalho notavel pela beleza literaria, pelos pontos

Nascimento e excelente a encenação do professor Antonio Pinheiro.



5. O conferente sr. dr. Augusto de Castro, distinto escritor e Professor do Conservatorio. 6. Armando Batista. — 7. O illustre diretor e professor do Conservatorio e Brillhante escritor sr. dr. Julio Dantas. — 8. O professor de musica sr. Herminio do Nascimento. — 9. Seixas Pereira. — 10. Vital dos Santos

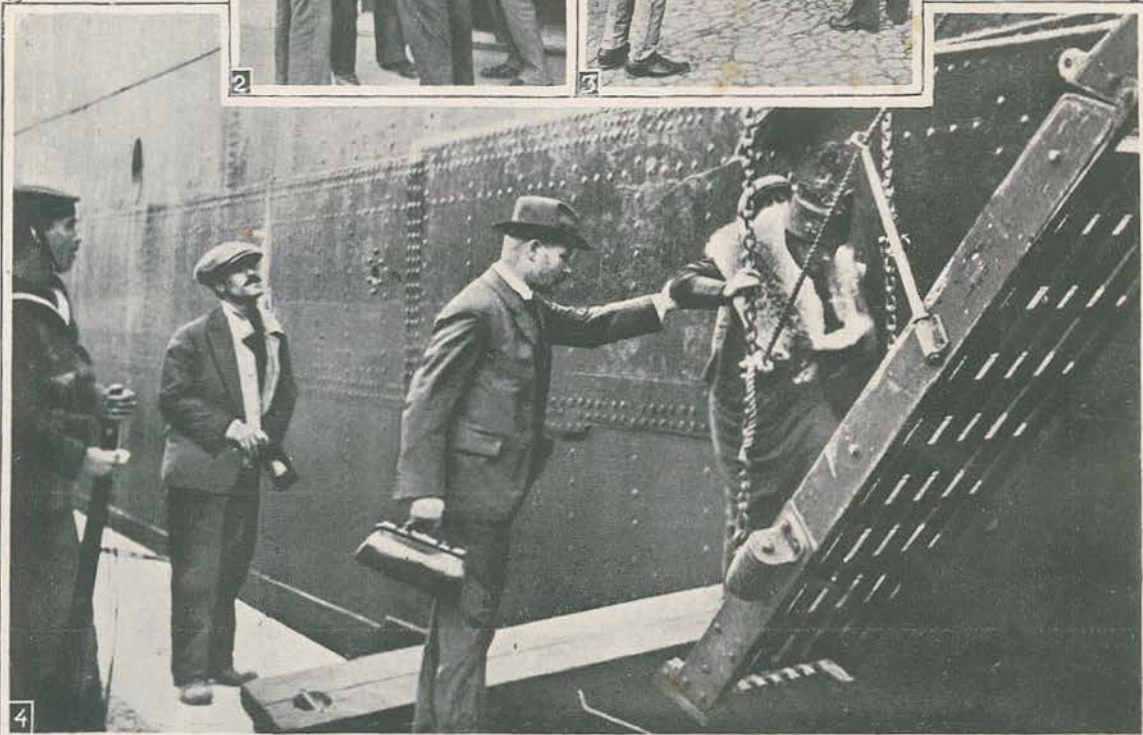
O exodo dos alemães



Já não pisa a terra portuguesa do continente alemão algum. Os que não saíram logo a fronteira, conforme as prescrições do respectivo decreto, foram com a mesma rapidez recolhidos a bordo de um navio para serem depois internados de uma maneira tão segura que não

possam escapar-se e ainda menos perturbar a nossa tranquillidade interna.

Basta de influencias deleterias exercidas pelos nossos inimigos como paga de uma hospitalidade que nós levamos até á mais exagerada confiança. E' preciso defender-nos d'elles a todo o transe e por todos os meios.



No Arsenal da Marinha.—1. Um alemão pronto a embarcar, recebendo do oficial de serviço a indicação onde se deve apresentar—2. O comandante Pinto Bastos, no Posto de Desinfecção, dando ordens sobre o embarque dos alemães — 3. Um alemão apresentando ao oficial de serviço, no arsenal, a guia que lhe foi entregue no quartel general—4. O embarque de alemães (Clíchés Benoitel)



SONETO

*No amor quasi divino, espiritual,
Que tenho á minha dôce namorada,
Amo tambem a patria sublimada —
Amo-te doidamente, ó Portugal!*

*No seu olhar sereno, celestial,
Eu vejo a luz suave, imaculada,
Que se espalha, ao romper da madrugada
Na minha terra, em doce bacanal . . .*

*No perfume da sua carne pura
Eu aspiro os perfumes das flor'nhas,
Que pelos campos crescem á ventura . . .*

*E em sua voz suave, sem rudezas,
Eu escuto o chilrear das avesinhas,
E o murmurar das aguas portuguezas.*

Abril, 1916.

ANTONIO SCHWALBACH.

PORTUGAL NA GUERRA

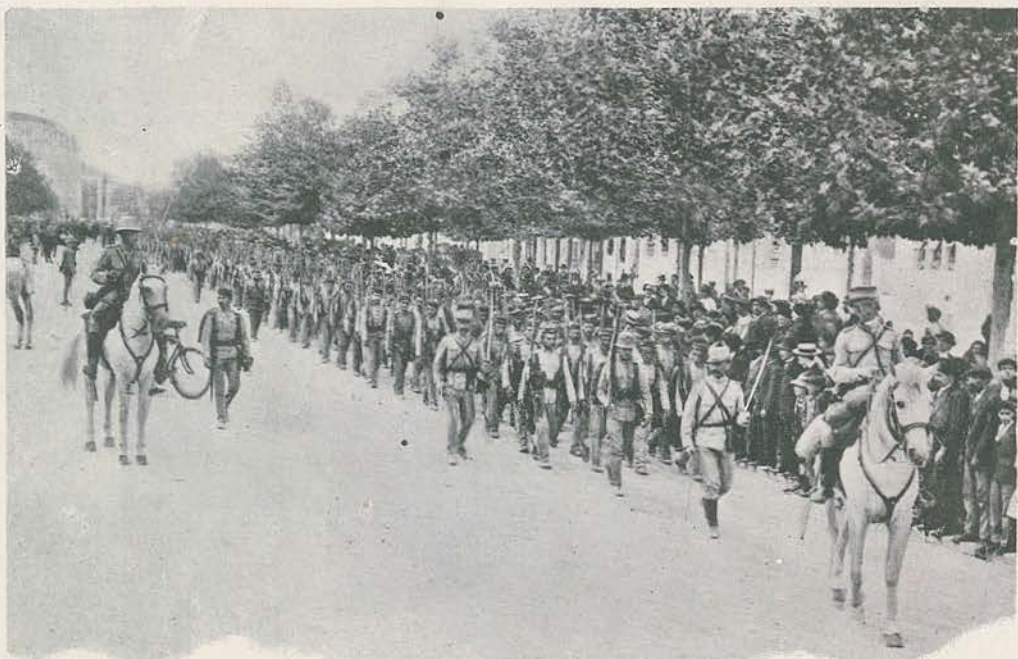
O fogo nas dependências do Arsenal e o afundamento do vapor norueguez, carregado de trigo, defronte da nossa barra, trouxeram todo o paiz á realidade de uma situação, sobre que parecia ele ir já dormitando. A Alemanha declarou-nos a guerra e começou-a logo. Não nos manda os seus navios bombardear as costas, porque eles encontrariam pelo cami-



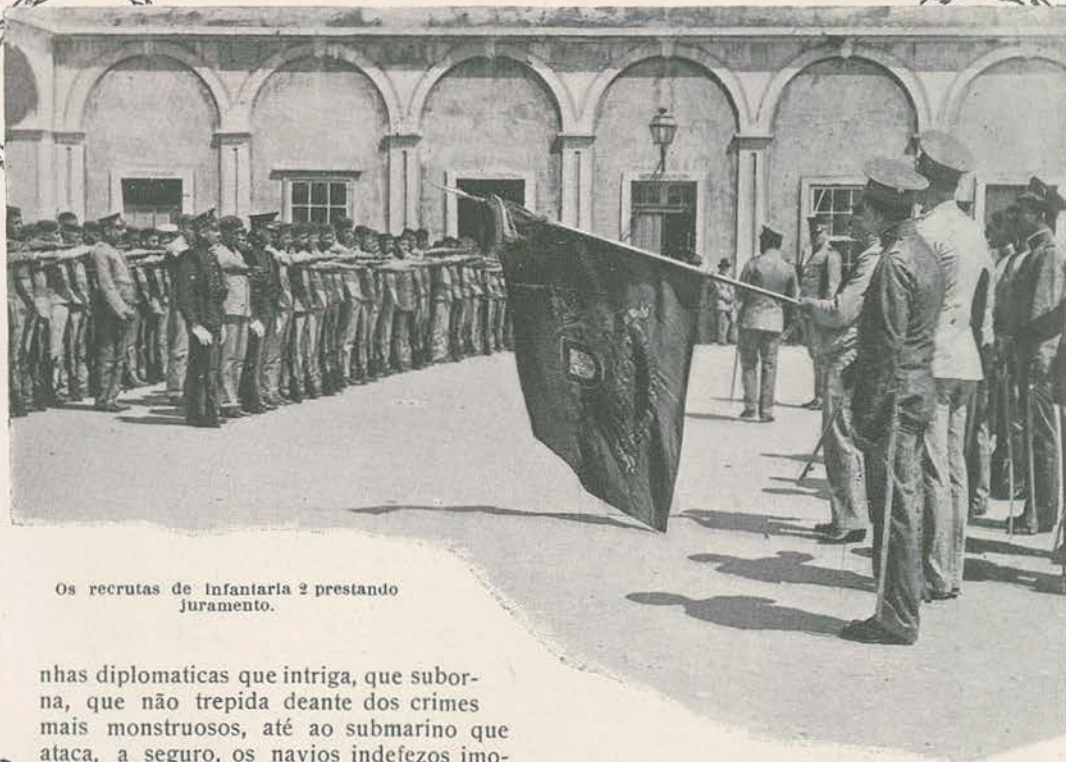
Alunos da instrução militar preparatoria em marcha

nho as esquadras aliadas que os meteriam no fundo; não nos pode vir a atacar com os seus exercitos de terra, nem tão pouco os seus *Zeppelins* tem a possibilidade de chegar até este canto arredado da Europa.

Mas a sua guerra traiçoeira, cobarde e desumana, dispõe de muitos e variados meios, quasi todos eficazes. Desde o agente de fali-



Um regimento de infantaria em marcha



Os recrutas de Infantaria 2 prestando juramento.

nhas diplomaticas que intriga, que suborna, que não trepida deante dos crimes mais monstruosos, até ao submarino que ataca, a seguro, os navios indefezos imolando milhares de vidas inocentes ao seu odio e á sua cubiça, a Alemanha não se considera desarmada deante de um ini-

migo. Ataca-o seja como fôr e com que fôr; contanto que o fira e o lêse.



A OFICIALIDADE DE INFANTARIA 2: — Primeiro plano, sentados, srs.: majores Teixeira e Bálستا, tenente coronel Fonseca Antunes, major Curado, capelão Migueis, capitães Gervasio, Beito, Torres, Marrecas, Almeida e Var. Em pé, da esquerda para a direita, os srs.: alferes Crespo, Figueiredo e Ribeiro; tenentes Chichorro e Oliveira; capitão Lobo da Costa, tenente Barreto, capitão Melo, tenentes Ferreira, Teles, Lourenço e Nogueira, capitães Guerreiro e Falcão, alferes Cunha, Oom e Cabeçadas.

Quem sabe o que ela nos vem minando desde que nos reptou! Sob o seu silencio e a sua quietação aparentes para comnosco, geram-se de certo maquinações que de um momento para outro nos podem ser mais nefastas de que se as suas divisões talassem os nossos campos ou os seus couraçados nos metralhassem as nossas costas.

O paiz está justamente sobresaltado, e o go-

to mandando internar os alemães em edade militar e fazer sair a fronteira todos os outros de ambos os sexos foi uma medida eficaz que produziu um excelente efeito no espirito publico. Só nos resta compenetrar-nos de que é indispensavel e urgente que todos nós nos unamos cada vez mais solidarios e

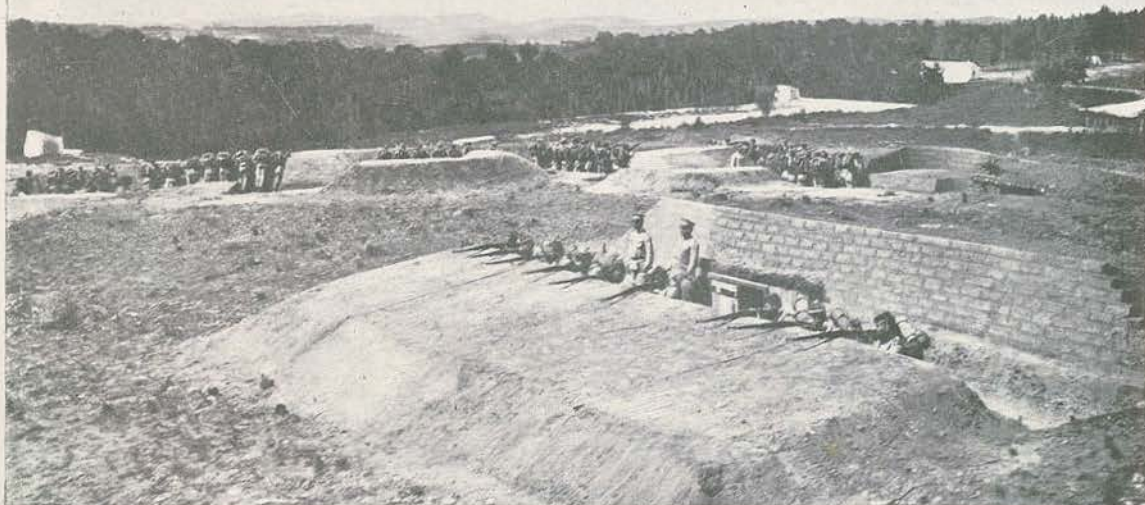


verno redobrou n'estes ultimos dias de cuidados, como as circunstancias o exigem. O decre-

vigilantes para uma defeza pronta e cerrada que não permite sequer o descuido de um minuto.



Exercicios da Cruz Vermelha Portuguesa.—1. condução de feridos.—2. Um cão á procura de feridos.—3. Outro aspecto da condução de feridos.



Estudo de defesa em Portugal.—Vista parcial das trincheiras



Destruição de uma trincheira blindada com a explosão de uma mina

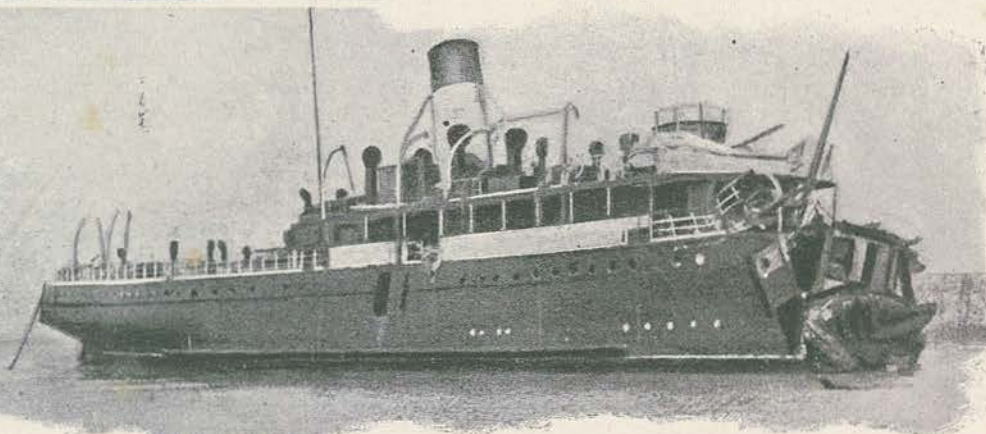
Ô VELHÔ MUNDO EM GUERRA



O padre franciscano Francisco Blanc, já titular da Cruz de Guerra com palma, foi condecorado com a Legião de Honra pelos serviços prestados no campo de batalha, onde perdeu um olho.
(«Cliché Branger»)

Trebizonda está, finalmente, em poder dos russos. Como a conquista de Erzeroum, o facto marca um formidável fracasso para os exercitos turcos coadjuvados pelos alemães. Quando toda a diligencia de uns e outros, nas ultimas semanas, era retomarem esta praça para reanimar o espirito das tropas e facilitar umas operações financeiras que teem estado encravadas, perdem, ainda por cima, Trebizonda.

A importancia d'esta conquista reflecte-se bem na preocupação que ela causou na Alemanha e no movimento de protesto que originou na Turquia. Os turcos estão fartos de perder terreno e de dispender os seus melhores recursos economicos, vendo cada vez menor probabilidade não só de obter as decantadas compensações prometidas, mas ainda de reentrar na integridade do seu territorio. A Alemanha tem razão em preocupar-se. Não tardará muito que a Turquia não possa resistir a agitação interior que impõe ao seu governo o negociar a paz em separado e quanto antes.



O *Sussex*, no porto de Bolonha, com a prôa despedaçada pelo torpedeamento dos submarinos alemães

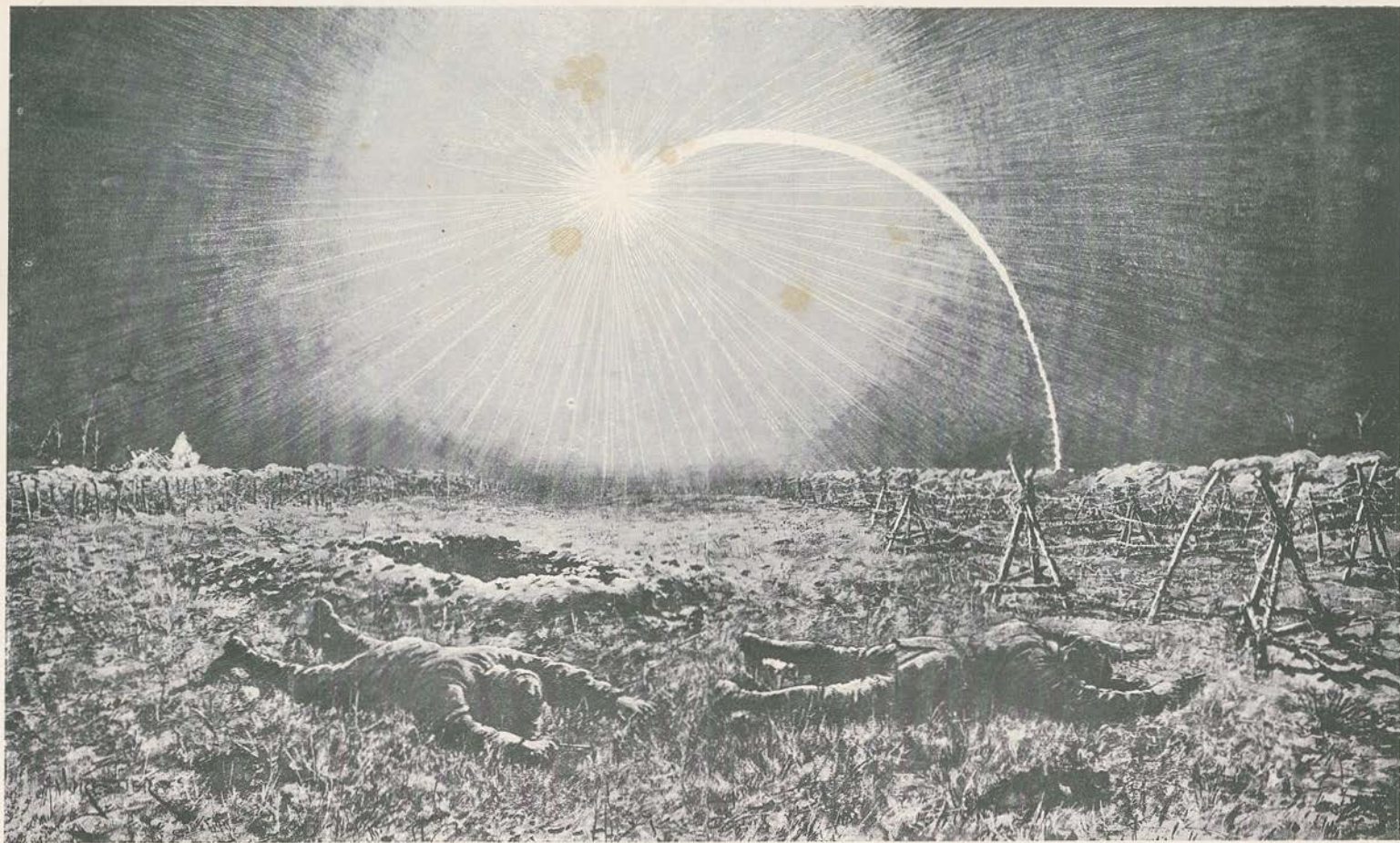


Um aeroplano austriaco capturado pelos Italianos em 27 de março



No Izonso.—Disfarçando uma peça de artilharia Italiana em posição n'uma montanha

APANHADOS POR UMA PATRULHA DURANTE A NOITE



O clarão da bomba de um foguete alemão, rebentando entre as trincheiras, ilumina dois *boches* que acabam de cair mortos por uma patrulha inglesa, conservando ainda as pistolas nas mãos.

(The Illustrated London News)



Uma das portas da praça de Erzeroum, tomada pelos russos



Prisioneiros turcos feitos pelos russos em Erzeroum, maldizendo a hora em que o comando das suas tropas foi entregue aos alemães.



O ultimo dos «L-15».—Depois de ter sido abatido, um Zeppelin conserva-se ainda algum tempo á tona d'agua na costa de Kentish.—(The Illustrated London News). ▾

Ô INCENDIO NO ARSENAL



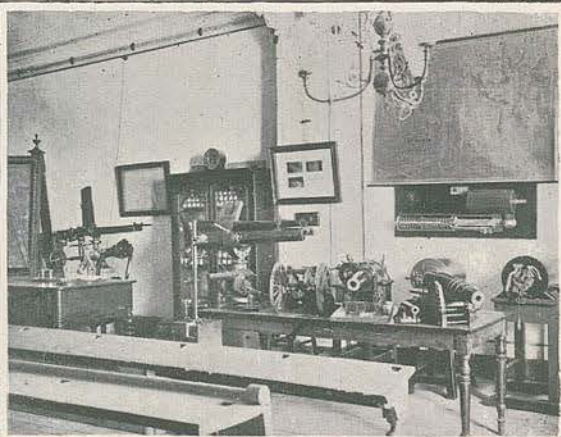
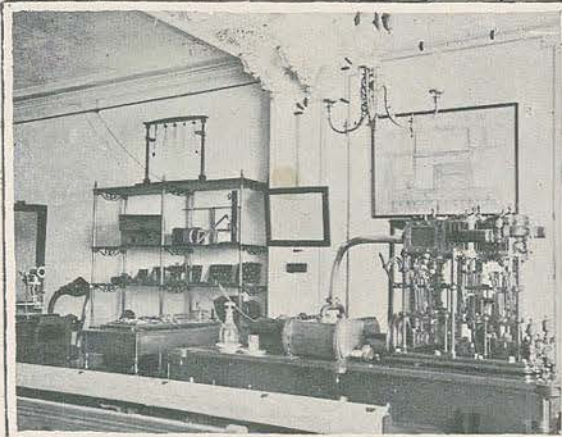
Confrange, realmente, contemplar as ruínas a que a sala do Risco e a Escola Naval ficaram reduzidas. Aquele enorme retângulo de 80 metros por 18, hoje só indicado por quatro paredes, não era apenas uma sala soberba pelas suas dimensões, pelo seu admirável teto de madeira do Brasil, e pela recordação das grandiosas festas de

carácter nacional e internacional que n'ela se deram; impunha-se agora, principalmente, por n'ela estar organizado o nosso museu de marinha, museu riquíssimo que fazia a admiração dos estrangeiros, que afirmavam não conhecer outro tão rico, tão completo.

Efetivamente, n'ele havia coleções valiosíssimas



1. A sala do Risco do Arsenal da Marinha no banquete oferecido ao marechal Hermes da Fonseca, na véspera da revolução de 5 de outubro de 1910—2. A que ficou reduzida a sala do Risco e outras dependências da Escola Naval—(Clíchés Benoitte)



Aula de máquinas

de modelos de navios e de material naval, achando-se ali reunidas as antigas e afamadas coleções de navios do Museu da Ajuda. Tudo isso que constituía uma serie de documentos preciosísimos para a reconstituição fiel da nossa historia marítima, desapareceu, como desapareceram cartas, quadros gravuras, uma infinidade de objetos cada um com o seu valor especial e todos eles com um enorme valor de conjunto. O fogo devorou tudo implacavelmente, não poupando as aulas da escola com o seu abundante e magnifico material de ensino, que

Aula de artilharia

levará muito tempo, muitos esforços e muito dinheiro a substituir. Os proprios livros da secretaria foram devorados pelas chamas, desfazendo-se com eles toda a documentação relativa á vida escolar, desde a entrada até á saída, de todos os que fizeram os seus estudos e concluíram os seus cursos, podendo presumir-se bem os embaraços que tanta falta vae causar.

E não se descobrem os autores de um crime, cuja suspeita já se não extirpa do espirito público!



A corveta *Paciencia* onde os alunos aprendiam as manobras

(Clichés Benollel).

*Os
ultimos
modelos
de
Paris*

Casa Mimoso
RUA DO OURO
LISBOA



O sr. Bernardino dos Santos Carneiro, comerciante em Lisboa, onde faleceu

Judice da Costa.—Faleceu em Lisboa o general da arma de infantaria, sr. Antonio Teixeira. Judice da Costa, que contava 62 anos de idade. O illustre extinto comandou a 1.^a divisão do exercito, exerceu por muito tempo o logar de diretor da Manutenção Militar, que lhe deve muitos dos



O general sr. Judice da Costa

seus progressos, e foi governador civil de Lisboa em uma situação democratica, deixando na sua passagem pelo distrito uma boa impressão pela retidão com que occupou tão honroso logar. Era um verdadeiro patriota, tendo dedicado á defeza da patria largos anos da sua vida.



O capitão de infantaria sr. Tomaz Dionisio Ribeiro de Almeida, falecido em Tomar



O almirante inglez, sr. William De Salis, chefe da missão naval que se encontra em Lisboa, acompanhado do capitão de artilharia ingleza sr. Guilherme Bleck

Missão naval inglesa.—Está em Lisboa uma missão naval inglesa, composta do almirante sr. William De Salis e dos officiaes srs. Ernest Herold Vans, William Armstrong Westguth e Arthur Quarry. Acompanha-a, como interprete, o sr. Guilherme Bleck, capitão de artilharia inglesa, filho do sr. J. W. Bleck, illustre presidente da camara do commercio luso-britanica em Lisboa.



Novo ministro de Hespanha.

Com o costumado cerimoniaal realisou-se no palacio de Belem a entrega das credenciaes do novo ministro de Hespanha em Portugal, sr. Lopez Muñoz, que, ao depol-as nas mãos do sr. presidente da Republica Portugueza, proferiu um brilhante discurso em que proclamou a maior amizade e simpatia do seu paiz pelo nosso, que deseja sejam duradouras.

Respondeu-lhe o chefe do Estado no mesmo tom de simpatia, desejando igualmente ao paiz visinho as prosperidades que ele merece pelas suas qualidades de trabalho e pelas suas gloriosas tradições, tão ligadas ás nossas proprias.



O ministro de Hespanha á saída do palacio de Belem (Clíchés Benollet).

Exposição d'arte em Vila Nova de Portimão



belos quadros. A sr.^a D. Maria José do Vale Pimenta de Miranda, uma artista distintíssima, enriqueceu igualmente a exposição de pintura com trabalhos seus de apreciável valor. Mui-



A sr.^a D. Maria José do Vale Pimenta de Miranda, expositora

Um trecho da exposição

O elegante baile da *mi-carême*, promovido por um grupo de socios do «Club União Portimonense» sugeriu a idéa de se organizarem no mesmo club uma kermesse para os feridos da guerra e uma exposição de pintura e de trabalhos feminis.

Esta magnifica idéa foi coroada do melhor resultado. A kermesse rendeu cerca de 200 escudos e a exposição foi um poderoso estímulo para novos certamens d'este genero. O sr. Joaquim Carlos Vieira, uma grande alma de artista n'um envolvero modesto, prestou todo o seu valioso concurso á exposição, expondo tambem os seus

tas outras senhoras de Portimão, como as sr.^{as} D. Maria Negrão, D. Judith Reis, D. Mariana V. Correia, D. Maria Nunes, D. Maria do C. Duarte, D. Maria J. Prazeres, D. Judit Leote, D. Elvira Pereira, D. Izabel Marcos, etc., acederam gentilmente ao convite expondo excellentes trabalhos de pintura, bordados, rendas, recortes em madeira, foto-miniatura, etc.



2. O sr. Joaquim Carlos Vieira, um dos expositores — 3. Outro trecho da exposição

Estabelecimentos chics

A CASA A. SERRA

Lisboa vai-se tornando, incontestavelmente, uma cidade de estabelecimentos «chics», sumptuosos e elegantes. E' n'elles que pelo dia adiante se reúne o mundanismo. São casas que, tanto pela apparencia como pelo bom gosto na disposição do seu mostruario, fazem desviar a attenção do publico para si.

A «Ilustração Portuguesa» tem já publicado varios artigos dedicados a esses estabelecimentos e hoje tem a honra de



O sr. Alfredo Balga e Serra, proprietario da casa

registar nas suas paginas mais um, referente á casa de modas A. Serra, na rua de . Nicolau, n.ºs 121 a 127, que igual-





Um dos ateliers

mente se torna notado por todas as pessoas de bom gosto.

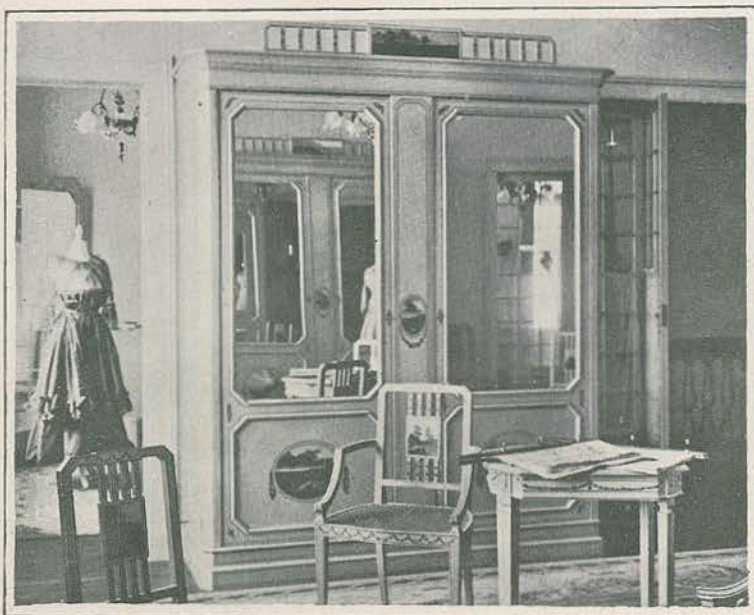
Sem favor, a casa a que nos referimos, é a melhor no genero e a mais preferida pelas senhoras da nossa primeira sociedade. E' ali que vão procurar as suas graciosas «toilettes» que teem um cunho de bom gosto e de distincão inegalaveis e que são um verdadeiro primor artistico.

E, para se avaliar, basta dizermos que quem dirige os seus importantes «ateliers» são duas das mais acreditadas modistas francezas diplomadas eum «coupeur».

Toda a sua clientela, que de dia para dia, aumenta consideravelmente, é composta de damas de fino e a preciado gosto e

a quem realçam as suas «toilettes» sempre da mais requintada novidade. E isso, crémos, era já o bastante para tornar preferida a casa A. Serra.

Mas o seu proprietario, que tem um espirito de arrojadas iniciativas, tentou transformar o seu acreditado estabelecimento n'uma casa «chic», que podesse rivalisar com as casas congeneres do estrangeiro, e, devido á sua vontade de ferro, conseguiu-o, transformando-a n'um paraíso, tornando-a no mais «chic» estabelecimento de toda a Lisboa. Abalançarnos-hemos até a dizer que nem mesmo em Paris ou Londres existem estabelecimentos no genero tão luxuosamente montados e, se os ha luxuosos, nem por sombras podem rivalisar com o



Salão de espera



Salão da exposição de modelos de Paris

de que vimos tratando.

Por todas estas fotografias que ilustram este mesmo artigo, já os nossos leitores poderão avaliar o que representam á vista o que são os seus salões de provas, de vendas, gabinetes, «ateliers», etc., etc.

Eis, pois, Lisboa dotada de mais um estabelecimento «chic», unico no genero, cuja falta se fazia sentir n'uma capital como Lisboa, felici-



Salão de vendas

Clichés Fenollel.

tando nós o sr. Alfredo Balga e Serra por tão arrojada iniciativa, digna dos maiores proventos.

A. F.